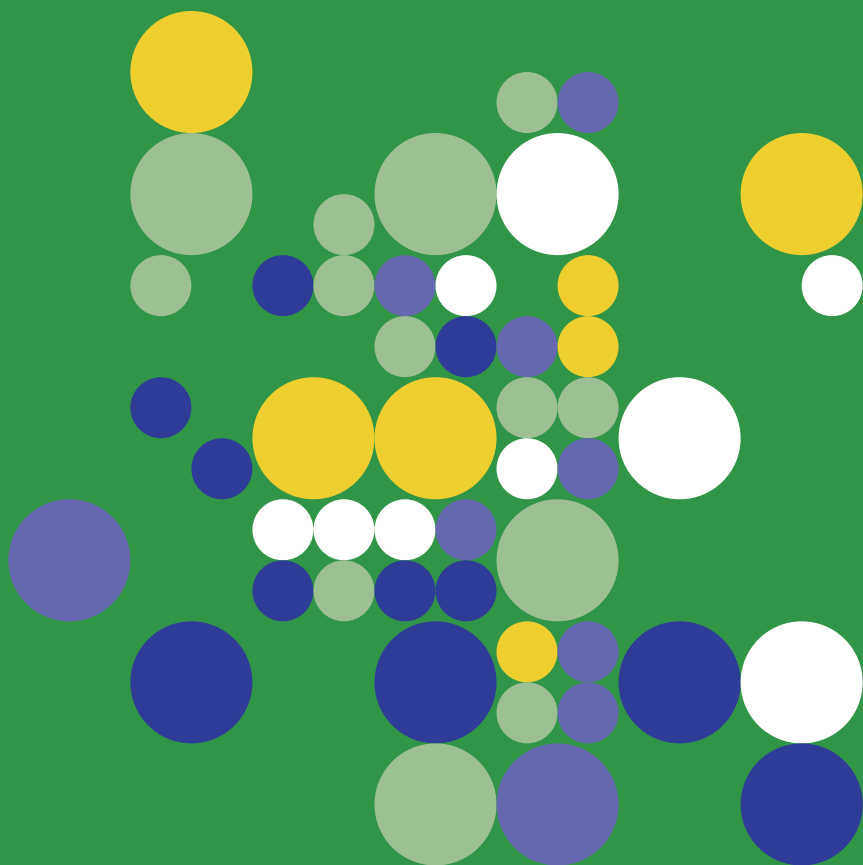




História da Educação Museal no Brasil

Mauricio André da Silva e Andréa Fernandes Costa (Orgs.)

ICOM
International
Council
of Museums
Brasil

CECA
International committee
for education
and cultural action

CECA LAC
ICOM Comité de Educación y Acción Cultural
para América Latina y el Caribe

História da Educação Museal no Brasil

Organizadores: Mauricio André da Silva e
Andréa Fernandes Costa, CECA-BR

Editores Científicos:
Mauricio André da Silva e Andréa Fernandes
Costa, CECA-BR;
Nicole Gesché-Koning, ICOM-CECA;
Silvana M. Lovay, CECA-LAC;
Adriana Mortara Almeida, ICOM-BR.

Capa e diagramação:
Studio Olbinski – Lieja, www.olbinski.be;
Memória Visual –  @memoriavisualprodcult

ÍNDICE

PREFÁCIOS

Marie-Clarté O'Neill / Presidente ICOM-CECA

Nicole Gesché-Koning / Responsável pela História da Educação Museal do CECA

Silvana M. Lovay / Coordenadora do ICOM CECA LAC

Vera Lúcia Mangas / Presidente do ICOM Brasil

PROLÓGO

Fernanda Castro / Presidenta do IBRAM-BR

EDITORIAL

Andréa Fernandes Costa, Maurício André da Silva /
Correspondentes do CECA-BR

AUTONARRATIVAS E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS

- 28 Magaly Cabral / Dilemas e alegrias de uma trajetória profissional na educação museal
- 35 Denise Grinspum / O papel da educação nos museus em tempos e territórios
- 43 Maria Cristina Oliveira Bruno, Camila Azevedo de Moraes Wichers, Karlla Kamylla Passos dos Santos / Sobre educação, museus e Museologia: especificidades e reciprocidades a partir de três gerações de educadoras
- 52 Denise Cristina Carminatti Peixoto, Márcia Fernandes Lourenço, Carla Gibertoni Carneiro, Andrea Alexandra do Amaral Silva e Biella / Museu Paulista, Museu de Zoologia, Museu de Arqueologia e Etnologia e Museu de Arte Contemporânea: o olhar de quatro educadoras

PERSONAGENS HISTÓRICOS

- 62 Andréa Fernandes Costa / Victor Stawiarski e o Museu Nacional: considerações sobre a Educação Museal no Brasil entre os anos de 1940 e 1970
- 71 Viviane Panelli Sarraf, Camila Seebregts, Sophia de Oliveira Novaes, Taís Costa Monteiro Freitas / Contribuições de Waldisa Rússio para a Educação Museal na América Latina

- 81 Denise Studart, Carla Gruzman / Arte, Ciência e Saúde no Museu: contribuições para a Educação Museal brasileira no trabalho de Virgínia Schall
- 89 António Luciano Morais Melo Filho / Museu Dom José: legado educativo e transformações durante a gestão da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

ACESSIBILIDADE COMO MISSÃO

- 100 Maurício André da Silva / Quem tem o direito ao toque do patrimônio arqueológico brasileiro? A área Educativa do MAE-USP e a democratização à fruição do passado/presente pelas mãos
- 109 Gabriela Aidar, Milene Chiovatto / Reflexões sobre o acesso, a inclusão e a função social dos museus
- 118 Isabel Sanson Portella / Experiência como processo de aprendizagem: museus acessíveis no Museu da República

ENFOQUES PLURAIS

- 130 Mario Chagas, Marcus Macri / Seminário Regional da Unesco Sobre a Função Educativa dos Museus (1958), 65 anos depois: entre celebrações, reflexões e disputas por uma educação museal democrática

- 137 Adriana Mortara Almeida, Denise C. Studart /
Considerações sobre Pesquisa e Avaliação no campo da
Educação Museal no Brasil
- 145 Camilo de Mello Vasconcellos / A Educação Patrimonial e a
Arqueologia no Brasil: discussões e controvérsias
- 151 Mona Nascimento / Redes de Educadores em Museus: a
histórica participação social na educação museal brasileira

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

- 161 Mario Chagas, Maria Helena Versiani, Thiago Botelho
Azeredo / Aprendendo com o Nosso Sagrado: a força dos
orixás, das caboclas e caboclos, das vovós e pretos velhos na
luta contra o racismo
- 169 Elaine Fontana / O que os museus e a Bienal de São Paulo
compartilham a partir de seus educativos permanentes?
- 179 Denise Cristina Carminatti Peixoto, Isabela Ribeiro de
Arruda / Ações de curadoria: a atuação da equipe de
educação no projeto “Novo Museu do Ipiranga”
- 188 Júlia Mayer de Araujo, Nicolas Januario dos Santos /
Educação Museal e Cibercultura: mapeando históricos e
tendências

Museu Dom José: legado educativo e transformações durante a gestão da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Antônio Luciano Morais Melo Filho

Doutor em História

O Museu Dom José (MDJ), localizado na cidade de Sobral, é uma instituição privada, pertencente à Diocese local, que ao longo dos anos marcou gerações de habitantes de Sobral, ilustrando as narrativas hegemônicas construídas sobre a cidade e a região norte do Estado do Ceará. Inaugurado em 1952 pelo primeiro bispo diocesano, que dá nome ao museu, passou por várias fases, enfrentando desafios e transformações, mas sempre mantendo sua relevância no cenário cultural do Ceará¹. O período entre 1990 e 2015 foi muito significativo para o MDJ, marcado por mudanças administrativas, reformas físicas e uma crescente ênfase na promoção da instituição.

Em 1987, a UVA assumiu a administração do MDJ através de um acordo de manutenção. José Teodoro Soares (1940-2016) assumiu a reitoria da UVA em abril de 1990, permanecendo no cargo por 16 anos. O então reitor buscou introduzir uma mentalidade de revitalização na instituição e pode-se afirmar que o nome da professora Giovana Saboya se destaca neste contexto. Teodoro convidou a referida professora do corpo docente da UVA para dirigir o MDJ, devido à sua descendência de famílias tradicionais de Sobral, como evidenciado na “Apresentação” do livro Sobral: História e Vida (SOARES & GIRÃO, 1997, p. 10), escrito por Giovana e Norma Soares. Sob sua lideran-

¹ A referida instituição é um museu privado, pertence à Diocese de Sobral, Ceará, Brasil, concebido a partir da coleção particular de Dom José Tupinambá da Frota (1882-1959). Foi objeto da minha tese de doutorado intitulada “Museu Dom José, em Sobral/Ceará, Brasil: história de uma instituição museológica de referência, 1951-2015”, defendida em 5 de maio de 2023 na Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal.

ça, o museu experimentou uma notável revitalização no fluxo de visitantes, especialmente estudantes das escolas de Sobral e cidades vizinhas. No entanto, ao direcionar o olhar dos visitantes para um modelo centrado na elite católica e branca, a diretora perpetuou na instituição abordagens expositivas tradicionais, priorizando a saturação de objetos que eram justificados como “representativos de diferentes modos de vida e formas de expressão de vários grupos culturais da sociedade de Sobral em diferentes momentos” (MDJ, 2001). A professora Giovana Saboya trouxe para o MDJ não apenas sua experiência acadêmica, mas também uma conexão com uma parte da história e cultura de Sobral.

Após sua reinauguração em 1997, o museu intensificou atividades voltadas para os estudantes, resultando em um aumento notável nas visitas de alunos das escolas da região e municípios vizinhos. Esse crescimento no número de visitantes pode ser atribuído a duas razões principais: a primeira foi a ênfase da direção na promoção pedagógica do MDJ; a segunda foi a associação fortalecida com a administração municipal do então prefeito Cid Gomes, que permitiu o acesso gratuito aos alunos da rede pública local.

Ao longo da história, os museus têm sido vistos como espaços de conservação, pesquisa e exposição de objetos que contam a história dos grupos humanos. No entanto, os museus vão muito além da simples exposição de artefatos, sendo o foco educativo uma das muitas potencialidades que podem ser exploradas nos diversos equipamentos culturais com função de museu.

Desde o início da gestão da UVA, a direção do MDJ considerou a realização de atividades educativas como uma das finalidades que garantiriam sua existência. A comemoração do 50º aniversário do museu, que ocorreu em 29 de março de 2001, trouxe uma remodelação das salas, indicando que o espaço expositivo foi dividido em 39 salas, e também foram criados ambientes de bastidores situados no térreo: Setor administrativo, Biblioteca setorial, Cozinha, Sala de oficina de artes e Sala de vídeo. Ao examinar o plano do MDJ, elaborado em folhetos de 2001 e 2007, observa-se uma estruturação clara entre áreas expositivas (*stage*) e áreas técnicas (*backstage*) (Figura 1).

A instituição não apenas destacou espaços para exposição e interação com o público, mas também valorizou áreas técnicas essenciais para seu funcionamento. Isso foi evidenciado pela presença de reservas técnicas, dois espaços dedicados a oficinas pedagógicas e uma sala onde se realizavam exposições temporárias. Essa organização refletiu um esforço para se alinhar com as tendências contemporâneas da museologia, demonstrando que a direção tinha um compromisso com a educação e uma gestão espacial eficaz. Nas salas de “oficinas de artes e sala de vídeo”, que posteriormente foram renomeadas como salas de “oficinas pedagógicas”, a direção do museu propunha atividades voltadas ao público infantil e juvenil, embora pouco críticas em relação à visita: “Escreva aqui sobre a visita que você fez ao Museu Dom José” (SOARES, 2001, p. 39) ou “Desenhe a peça que mais gostou no Museu” (SOARES, 2001, p. 40).

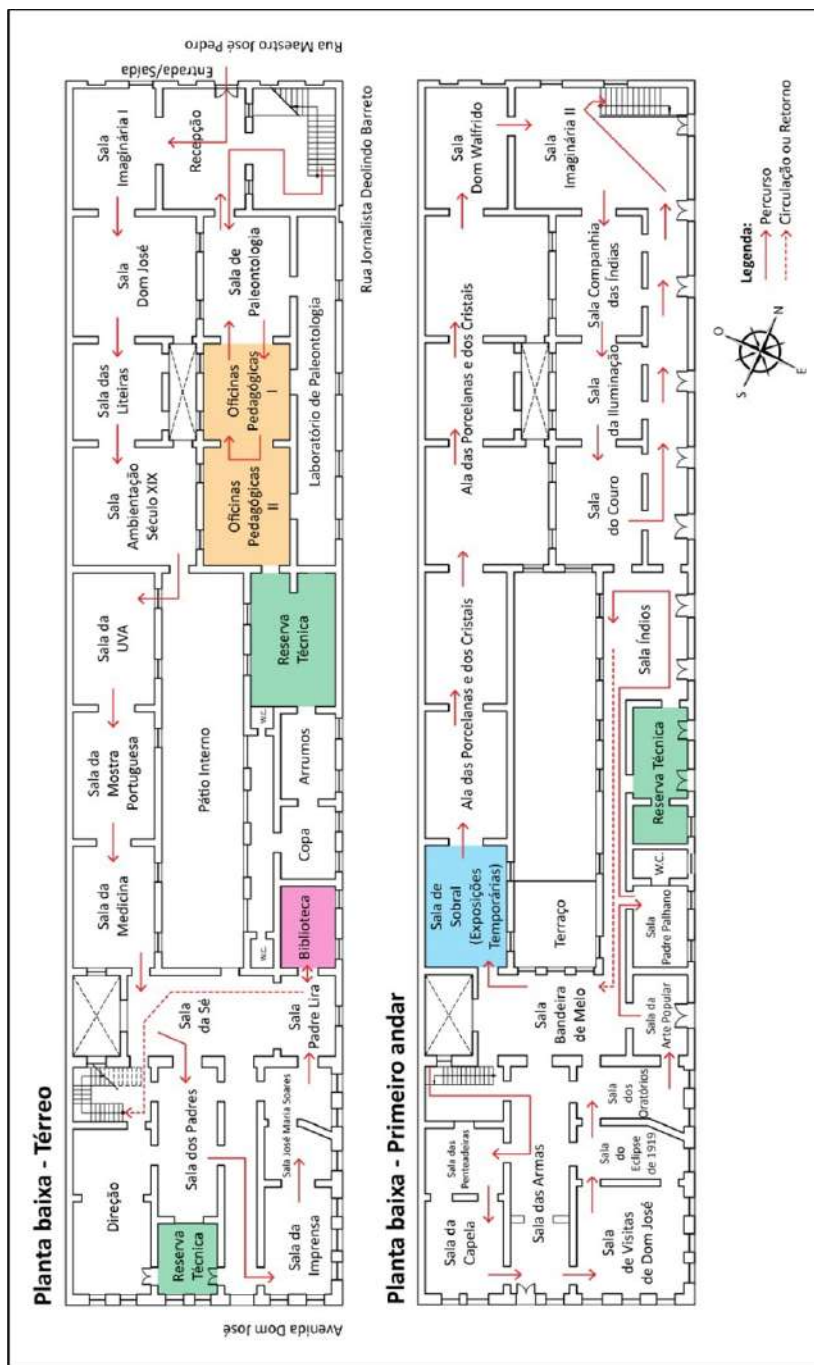


Figura 1 – Mapa das salas do MDJ e circuito do percurso em 2019



Figura 2 – Equipe da Semana Terra Brasilis (2005)



Figura 3 – Representação de “Tropeçando na Pré-história” (2005)



Figura 4 – Experimentos sobre os fósseis (2005)

Desde programas de rádio até os livros escolares adotados no município², o Museu Dom José era promovido pela diretora para ser apreciado pelos ouvintes e leitores. A partir de 2005, o MDJ intensificou e diversificou suas atividades pedagógicas, realizando a primeira edição da “Semana Terra Brasilis”, entre 19 e 22 de abril daquele ano, período que marca o dia dos povos indígenas e a chegada dos portugueses ao território brasileiro, promovendo uma série de oficinas voltadas ao público jovem. O objetivo era familiarizá-los com o acervo do MDJ e envolvê-los em atividades educativas sobre as culturas indígenas e a paleontologia. Sob a orientação da professora Somália Viana, também docente da UVA responsável pelo núcleo de paleontologia do museu convidada pela direção em 2003, as atividades pedagógicas daquele ano incluíram narração de histórias, bem como uma oficina específica sobre Culturas Indígenas. No workshop de Paleontologia, os estudantes exploraram o acervo de fósseis do museu, originários do norte do estado e da região de Cariri. Além disso, assistiram à peça “Troveçando na Pré-história”, interpretada por estudantes de Biologia da UVA, complementada por experimentos sobre a formação de fósseis (Figura 2) (Figura 3) (Figura 4).

No ano seguinte, a direção tomou outra iniciativa para ampliar a oferta educativa do museu, realizando a primeira exposição itinerante. Proclamado como Ano Nacional dos Museus pelo Ministério da Cultura (MinC), em 2006 o governo brasileiro buscou

fortalecer políticas públicas voltadas à valorização e expansão do universo museológico, mobilizando o MDJ para além de seus muros. Entre maio e agosto daquele ano, Fortaleza foi palco da exposição “A História do Ceará em Obras Sacras e Decorativas”, localizada no Espaço Cultural da Universidade de Fortaleza (Unifor). Esta exibição, composta por 400 peças vindas do MDJ, atraiu mais de 23.000 visitantes (UNIFOR, 2006), e marcou a primeira vez que o acervo do MDJ foi exibido fora de Sobral. No entanto, a exposição, ao projetar uma visão idealizada do passado do Ceará, perpetuava estereótipos, assim como as exposições permanentes do museu. Nesse sentido, é crucial adotar uma abordagem crítica ao analisar como se desenrola o papel educativo dos museus. Portanto, é necessário questionar a profundidade e o alcance dessas iniciativas. Foram suficientemente inclusivas? Essas atividades abordaram a história de uma maneira relevante e significativa para os visitantes? Como o museu trataria os temas propostos hoje?

Ao analisar a abordagem dos guias-intérpretes do MDJ, identificou-se uma narrativa padronizada, consolidada na fase em que Saboya o dirigiu e transmitida aos bolsistas para sua reprodução. Esta prática, que posicionava o guia como um mero reproduzidor de um roteiro fixo, sem adaptá-lo às nuances dos diferentes públicos, é contraproducente. A comunicação unidirecional, que não favorece o diálogo ou o debate, é incongruente com as tendências mu-

2 Trata-se do livro didático produzido a pedido da Prefeitura Municipal de Sobral para o Ensino Fundamental, intitulado “Descobrimos e construindo Sobral: conhecimentos de Geografia e História”, adotado em 2002 nas escolas municipais e escrito pelas professoras Isorlanda Caracristi e Giovana Saboya Mont’Alverne, ambas da UVA.

seológicas atuais e daquele início do século XXI. Atualmente, a museologia tem priorizado a ideia de “mediação” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 53)³ ou até mesmo “educação museal” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 38-39)⁴, mas no contexto de uma educação não formal e contínua. No contexto brasileiro, esses e outros conceitos são examinados a partir de uma perspectiva nacional e apresentados como elementos fundamentais do campo museológico no Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) (IBRAM, 2018). Identificados e selecionados durante a construção da PNEM devido à sua relevância na área, esses conceitos demandavam definições mais detalhadas e respaldadas para enriquecer a compreensão dos profissionais sobre a complexidade desses temas no contexto museológico brasileiro. É importante destacar que, no Brasil, essas abordagens não são exploradas apenas no âmbito da educação não formal e contínua, mas também são integradas de maneira significativa no âmbito da educação museal. Esse enfoque integral é crucial para alcançar os objetivos dos museus na sociedade atual, garantindo que sua abordagem educacional seja a mais completa, inclusiva e crítica possível.

A história dos museus não pode ser contada sem mencionar figuras centrais que moldaram a trajetória dessas instituições. Uma dessas personalidades é a professora Glória Giovana Saboya Mont’Alverne Girão, que assumiu a direção do MDJ (1996-2015) em um momento crucial de sua existência. Sua chegada marcou uma época de significativas transformações no espaço museológico. A instituição passou por um intenso processo de preparação dos espaços expositivos, devido à situação de quase ruínas em que se encontrava antes da gestão da UVA. Simultaneamente, parte dos objetos foram limpos e catalogados, refletindo um compromisso com a preservação e apresentação do acervo. Este trabalho não foi apenas uma questão de organização, mas também uma reafirmação do valor e da importância do patrimônio cultural sob sua custódia (RIBEIRO, 2002)⁵. A presença constante de figuras políticas nas celebrações e eventos do MDJ, como o prefeito Cid Ferreira Gomes, sugere o reconhecimento que a Professora Giovana conseguiu obter para o museu, apoiada pelo então reitor da UVA, Teodoro Soares, aliado político do mencionado prefeito. Esse apoio não foi apenas simbólico, mas também instrumental na realização de

3 Atende-se ao uso em museologia do termo mediação que abrange “algumas noções museológicas relacionadas à comunicação e à animação, e, sobretudo, à interpretação”.

4 No contexto museológico, a educação “está ligada à mobilização de saberes relacionados ao museu, com o objetivo de desenvolver e florescer os indivíduos, principalmente através da integração desses saberes, bem como pelo desenvolvimento de novas sensibilidades e a realização de novas experiências”.

5 Houve vários projetos de restauração do acervo e do edifício. A direção do museu, em coordenação com a reitoria da UVA e contando também com o apoio da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará, contratou o museólogo baiano professor Osvaldo Gouveia Ribeiro, que realizou o trabalho em três etapas distintas: a primeira, de fevereiro a maio de 1994; a segunda, de junho a agosto do mesmo ano; e a terceira etapa entre março e novembro de 2001, quando assinou um novo contrato.

projetos significativos e na elevação do perfil do MDJ.

Ao analisar a configuração do Museu Dom José (MDJ) sob sua direção, pode-se perceber uma clara intenção de destacar certos carizes dominantes da história de Sobral. Em sua disposição, o museu priorizava a memória de figuras proeminentes, como evidenciado nas salas dedicadas ao fundador Dom José, aos Padres, ao Dom Walfrido, ao José Maria Soares, ao Pe. Palhano e ao Bandeira de Melo. Além disso, há uma ênfase em contextos econômicos específicos, como a Sala do Couro, que reflete o ciclo produtivo, e a sala da Companhia das Índias, que mostra as louças adquiridas pela elite de Sobral em séculos anteriores, em detrimento de uma abordagem mais holística da sociedade de Sobral. Embora existam espaços dedicados a diferentes contextos socioculturais, como a Sala dos “Índios [sic]” e a Sala de Arte Popular, são exceções na narrativa predominante do museu. Esta tendência se manifesta em salas como a das Liteiras, Ambientação do século XIX e Sala de Armas, que perpetuam principalmente a história das classes dominantes. O MDJ, em sua essência, ainda se apegava a uma narrativa que valoriza a memória das elites, relegando as culturas e artes populares a espaços limitados. Salas como a Mostra Portuguesa, dos Toucadores, de Visitas de Dom José, Ala de Porcelanas e Cristais e da Companhia das Índias exaltam a opulência de uma burguesia, reforçando a preeminência dos grupos

sociais hegemônicos (GIRÃO, 2007). No entanto, é essencial reconhecer que o MDJ se originou de uma coleção específica, refletindo uma mentalidade particular, e pode-se interpretar o museu como um “autorretrato”, que, apesar dos avanços na museologia contemporânea, ainda está profundamente influenciado pela coleção e pelo legado de seu fundador.

A Professora Glória Giovana Saboya Mont’Alverne Girão teve um impacto inquestionável na renovação e atualização do Museu Dom José. Sua liderança resultou em avanços na preservação e exibição do acervo, bem como no compromisso com a comunidade. É crucial estudar sua gestão sob uma perspectiva analítica, valorizando suas conquistas e ponderando as consequências de certas escolhas. Dessa forma, outros estudos poderão apresentar mais evidências que contribuirão para a percepção de como o MDJ construiu sua narrativa para os visitantes, permitindo investigar as propostas e objetivos das representações e discursos que eram assimilados e difundidos pela sociedade.

Por anos, optou-se por manter a museografia do MDJ baseada na tradição do pensamento museológico implementado nos princípios divulgados durante a primeira metade do século XX. Tal abordagem, influenciada por Gustavo Barroso⁶ (1888-1959), refletia uma visão eurocêntrica e colonial, perpetuando narrativas que celebravam a colonização católica e branca, e em muitos aspectos,

6 Gustavo Barroso (1888-1959) foi um intelectual brasileiro multifacetado, atuando como escritor, jornalista e político. Como diretor do Museu Histórico Nacional do Brasil entre 1937 e 1946, Barroso deixou sua marca no campo da Educação Museal ao buscar integrar essa prática na construção da identidade nacional. No entanto, sua gestão é objeto de controvérsia devido ao ênfase nacionalista, gerando debates sobre a representatividade e interpretação histórica nos museus brasileiros.

distorcendo essas mesmas narrativas, enquanto as exposições do museu minimizavam ou excluía as vozes e experiências de outros grupos sociais que não fossem os hegemônicos. A análise da *mise en scène* do MDJ revela uma tendência a perpetuar a história das elites em um lugar dominado por espaços que celebravam a burguesia e seus símbolos de riqueza.

No entanto, é necessário lembrar que a história da colonização lusitana é inseparável da história da violência contra as populações indígenas e negras. É essencial que os museus reconheçam e abordem essas histórias de maneira crítica e inclusiva. O museu deve ser visto não apenas como um “lugar de memória” baseado em seu acervo, mas também pelo que representa para a comunidade em que está inserido e como pode ser explorado como um lugar de construção de memórias. Nesta perspectiva, refletir sobre a Descolonização do Pensamento Museológico em um museu regional, como é o caso do MDJ, é de suma importância, especialmente quando se considera o papel dos museus como espaços de representação e construção de narrativas históricas e culturais (BRULON, 2020; SOARES, 2020; CURY, 2017).

Desde agosto de 2020, o MDJ está em processo de reforma estrutural do edifício, com a maioria de suas peças sendo realocadas. Este período de transformação oferece uma oportunidade única para que o museu se alinhe com as diretrizes contemporâneas propostas pelo ICOM, promovendo a acessibilidade e inclusão, incentivando a diversidade e a sustentabilidade, e divulgando seus acervos de maneira ética, especialmente no que diz respeito à descolonização do pensamento museológico. Este processo não é apenas uma questão de mudar exposições ou adicionar novas peças ao acervo. Trata-se de provocar uma reavaliação profunda de como a história é contada, de quem tem o direito de contar essa história e de como as vozes são priorizadas. Isso requer uma abordagem interdisciplinar e colaborativa, envolvendo comunidades, acadêmicos e profissionais de museus para reavaliar constantemente exposições, legendas, documentação museológica e atividades educativas. Os museus, como o MDJ, têm a responsabilidade de se comprometer com esse processo, para garantir que suas narrativas sejam inclusivas, críticas e reflitam as complexidades da história e da cultura.

Referências bibliográficas

- BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. *Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [S. l.], v. 28, p. 1-30, 2020. DOI: 10.1590/1982-02672020v28e1. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/155323>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- CURY, Marília Xavier. Lições indígenas para a descolonização dos museus: processos comunicacionais em discussão. *Cadernos CIMEAC*, v. 7, n. 1, p. 184-211, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/cimeac.v7i1.2199>.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: [link não fornecido].
- GIRÃO, Glória Giovana Sabóia Mont'Alverne (Org.). *Museu Dom José Sobral*. Sobral: Edições Sobral Gráfica Ltda, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília: IBRAM, 2018.
- MUSEU DOM JOSÉ. *Museu Dom José –Jubileu de Ouro*. Sobral, 2001.
- RIBEIRO, Osvaldo Gouveia. *Museu Dom José: Projeto de Catalogação do Acervo –Relatório Final*. Sobral, 2002.
- SOARES, Bruno Brulon (Ed.). *Descolonizando a Museologia 1: Museus, Ação Comunitária e Descolonização*. Paris: ICOM/ICOFOM, 2020.
- SOARES, Maria Norma Maia. *O Museu da Minha Cidade*. Sobral: Edições UVA, 2001.
- SOARES, Maria Norma Maia; GIRÃO, Glória Giovana Sabóia Mont'Alverne. *Sobral: História e Vida*. 1. ed. Sobral: Edições UVA, 1997.

